

Alguns aspectos da Revolução Russa nas páginas das revistas ilustradas do Brasil Republicano

Some aspects of the Russian Revolution
in the pages of the First Republic Brazilian illustrated magazines

Algunos aspectos de la revolución rusa en las páginas de revistas ilustradas en el Brasil
republicano

*Andrea Casa Nova Maia**

<https://orcid.org/0000-0003-0271-7649>

*Luciene Carris***

<https://orcid.org/0000-0002-1706-3425>

RESUMO: O artigo problematiza as diferentes leituras dos acontecimentos que levaram a tomada de poder pelos bolcheviques na revolução russa de 1917 presentes nas revistas ilustradas brasileiras, analisando as representações nas imagens e textos dos impressos que circulavam sobretudo na capital da recém proclamada República brasileira. As representações especialmente elaboradas pelas revistas ilustradas contribuíram para a formação de “visões” e diferentes interpretações sobre o ocorrido naqueles meses de guerra e revolução. Imagens e discursos que nos permitem analisar a construção de um discurso singular sobre a História nas páginas das revistas da República brasileira. Como as revistas *Careta*, *Fon-Fon*, *o Malho*, *Eu sei Tudo*, *A Leitura para Todos*, *Para Todos* e *A Revista da Semana* apresentaram a Revolução Russa de 1917? Qual era o tipo de informação disseminada em tais periódicos? E em que medida a qualidade dessas informações se distanciava de outras fontes, como os jornais operários ou

* Doutora em história social da cultura pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora de história do Brasil Republicano e de história da arte na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a pesquisadora é autora de *Nos trilhos do tempo: memória ferroviária de Pedro Leopoldo* e *Lições do Tempo: Temas de história e historiografia do Brasil Republicano* *Waldir dos Santos, o sambista operário: história de uma mina de ouro no tempo de Vargas*, entre outros livros, capítulos e artigos em revistas especializadas. Contato: andrea.cn.bh@gmail.com

** Pós-doutoranda em História Social pela PUC-Rio, com estágio pós-doutoral em Geografia Política pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorado em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É autora dos livros *Intelectuais, cientistas e militares na configuração das fronteiras brasileiras (1883-1903)* e coautora de *Lições do Tempo: Temas em história e historiografia do Brasil Republicano*, entre outros livros, capítulos e artigos em revistas especializadas. Contato: lucienecarris2016@gmail.com



jornais diários da grande imprensa da época? Qual a contribuição dos periódicos ilustrados no entendimento de como a notícia e os fatos sobre a Rússia chegaram ao Brasil e eram difundidos? Quais as principais tópicas trabalhadas pelas revistas ao tratar do tema da Revolução Russa? O que se destaca?

PALAVRAS-CHAVE: Revistas Ilustradas, Representações, Revolução Russa

ABSTRACT: The purpose of this article is to problematize the different readings of the events that led to the taking of power by the Bolsheviks in the Russian Revolution in 1917 present in the Brazilian illustrated magazines, analyzing the representations of the images and texts of the printed ones that circulated especially in the capital of the newly proclaimed Brazilian Republic. The representations specially elaborated by the Illustrated Journals contributed to the formation of "visions" and different interpretations of what happened in those months of war and revolution. Images and speeches that allow us to analyze the construction of a singular discourse on History in the pages of the magazines of the Brazilian Republic. How the magazines *Careta*, *Fon Fon*, *o Malho*, *Eu sei Tudo*, *A Leitura para Todos*, *Para Todos* and *A Revista da Semana* presented the Russian Revolution of 1917? What was the type of information disseminated in such journals? And to what extent was the quality of this information distant from other sources, such as the working-day newspapers or daily newspapers of the major press at the time? What is the contribution of illustrated periodicals in understanding how the news and facts about Russia came to Brazil and were widespread? What are the main topics dealt with by magazines in dealing with the theme of the Russian Revolution? What stands out?

KEYWORDS: Illustrated Magazines, Representations, Russian Revolution

RESUMEN: El artículo analiza las diferentes lecturas de los eventos que llevaron a la toma del poder por los bolcheviques en la Revolución Rusa de 1917 en las revistas ilustradas brasileñas, analizando las representaciones en las imágenes y textos de la prensa que circulaban principalmente en la capital de la recientemente proclamada República Brasileña. Las representaciones especialmente elaboradas por las revistas ilustradas contribuyeron a la formación de "visiones" y diferentes interpretaciones sobre lo que sucedió en esos meses de guerra y revolución. Imágenes y discursos que nos permiten analizar la construcción de un discurso singular sobre la historia en las páginas de las revistas de la República de Brasil. ¿Cómo presentaron la revolución rusa de 1917 la revista *Careta*, *Fon-Fon*, *O Malho*, *Eu sei tudo*, *A Leitura para todos*, *Para Todos* y *A Revista da Semana*? ¿Cuál fue el tipo de información difundida en tales revistas? ¿Y hasta qué punto la calidad de esta información difiere de otras fuentes, como los periódicos de los trabajadores o los diarios de la gran prensa de la época? ¿Cuál es la contribución de las revistas ilustradas para comprender cómo las noticias y los hechos sobre Rusia llegaron a Brasil y se difundieron? ¿Cuáles son los principales temas tratados por las revistas cuando se trata el tema de la Revolución Rusa? ¿Qué se destaca?

PALABRAS CLAVE: Revistas Ilustradas, Representaciones, Revolución Rusa

Para citar este artigo:

NOVA, Andrea Casa; CARRIS, Luciene. Alguns aspectos da Revolução Russa nas páginas das revistas ilustradas do Brasil Republicano. **Locus - Revista de história**, Juiz de Fora, v.25, n. 2, p.59-78, 2019
E-ISSN: 2594-8296 - ISSN-L: 1413-3024

Introdução

Páginas e mais páginas de História! Os almanaques e os magazines ilustrados são *lugares de memória*. Memória local, regional, nacional, mundial. Literatura, história, artes plásticas, matérias jornalísticas, moda, cinema, ciência, filosofia, humor... e muita propaganda dos mais variados tipos. Há um pouco de tudo nesses verdadeiros “museus de papel”. Possibilidades infinitas de pesquisa, recortes temporais e temáticos que corroboram para o caráter enciclopédico desses impressos que circularam pelo Brasil há muito (sabe-se da existência de almanaques desde o período colonial), particularmente com mais força entre as últimas décadas do século XIX até meados do século XX.

O interesse aqui situa-se entre 1917 e 1930. Procura-se traçar alguns apontamentos sobre como os periódicos ilustrados da Primeira República brasileira construíram para seus leitores a Revolução Russa e seus processos, personagens e desdobramentos. Impressos que mais do que fontes para o historiador, apresentam-se como “força ativa” da vida moderna, da realidade social por elaborar, plasmar e (re)alimentar posicionamentos ideológicos, discursos, formar opinião e retroalimentar perspectivas de interpretação dos fatos, acontecimentos e eventos que constituíram experiências dos sujeitos em seus cotidianos.¹

Um rápido olhar para a historiografia da Revolução Russa faz saber que o movimento revolucionário que destituiu do poder o terceiro maior império da História em 1917 não se restringiu ao território europeu. Os impactos da Revolução Russa se fizeram sentir em todos continentes como bem salientou o historiador britânico Eric Hobsbawm:

(...) a Revolução Russa, mais precisamente, a Revolução Bolchevique de outubro de 1917 pretendeu dar ao mundo esse sinal. (...) Pois se as ideias da Revolução Francesa, como é hoje evidente, duraram mais que o bolchevismo, as consequências práticas de

¹ A tradução dos periódicos e da imprensa em geral como força ativa da realidade social foi pensada anteriormente por Laura Maciel. Conferir MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telegrafo e imprensa (1890-1920). In: FENELON, Déa et ali. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olhos d'água, 2004.

1917 foram muito maiores e mais duradouras que as de 1789.²

Seguindo o mesmo raciocínio, René Rémond avaliou as consequências de ambas revoluções para a História Mundial, no seu entendimento:

(...) como a Revolução de 1789, a revolução soviética modificou um país, transformou-lhe as estruturas e estabeleceu uma nova ordem política e social. Como também acontece com a Revolução de 1789, o alcance do acontecimento transborda do quadro nacional, tanto na França quanto na Rússia. Idêntica dualidade: significação nacional, dimensões internacionais³.

No Brasil, as informações, que aqui chegavam telegrafadas e difundidas pelos jornais internacionais, eram reproduzidas pela imprensa da época com intuito de tentar recriar coerentemente a convulsão política, social e econômica no calor dos acontecimentos. E proliferavam narrativas sobre a Primeira Guerra e sobre os eventos que marcaram o final dela, sobretudo no tocante aos aliados russos. Afinal, se por um lado, o telégrafo submarino e sem fio possibilitou publicar informações de periódicos europeus, por outro, garantiu a ampliação de títulos e de jornais diários.⁴

De acordo com a historiografia corrente, os primeiros anos da Revolução Russa significaram não somente o declínio do capitalismo e a crise da ordem política e social de vários países nas esferas públicas e privadas, como as relações do mundo do trabalho e o rompimento do tradicional modelo de família burguesa, em especial, o papel da mulher nessa nova ordem. Os impactos e as repercussões do movimento, bem como os resultados nefastos da Grande Guerra, inspiraria outras revoluções, movimentos insurgentes e ondas de rebeldia entre o operariado europeu e americano, sem falar da criação de determinados “mitos” a respeito de tais eventos, como bem apontou Marc Ferro, visto que até então visto que até então se desconhecia efetivamente o desenrolar dos últimos acontecimentos daquele episódio.⁵

Com objetivo de compreender as diferentes narrativas sobre a Revolução Russa presentes nos periódicos ilustrados selecionados para esta análise, optou-se por entender o movimento “independente de seu caráter duplo” de Fevereiro de 1917 e de Outubro de 1917,⁶ de acordo com o sentido da “revolução” adotado por Angelo Segrillo, “(...) a definição *stricto sensu* da Revolução Russa como o

² HOBSBAWM, Eric. *A Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 62.

³ RÉMOND, René. *O século XX: de 1914 aos nossos dias*. São Paulo: Cultrix, 1976, p. 74.

⁴ MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de. (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11.

⁵ FERRO, Marc. *O ocidente diante da Revolução Soviética: a história e seus mitos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984, p. 58.

⁶ Segundo Daniel Aarão Reis Filho, existem quatro conjunturas que correspondem, sem, contudo, poder estabelecer causalidade ou encadeamento. No seu entendimento, as revoluções russas correspondem a quatro episódios. A revolução de 1905, as revoluções de fevereiro e de outubro de 1917 e a pouca comentada revolução de março de 1921.

grande Big Bang específico de 1917, que tornaria possíveis todos os outros processos evolutivos posteriores por que passou a URSS em suas diversas fases (...)”.⁷

Entre 1917 e 1930, os debates sobre o impacto da onda revolucionária que convulsionou um vasto território compreendido entre o Leste Europeu e o norte da Ásia se difundiu. De acordo com Segrillo, ao longo dos anos de 1920, três grandes interpretações, bem como debates históricos se intercalavam. O primeiro deles correspondia aos próprios debates internos da Nova Política Econômica na URSS, seguido por uma historiografia dos emigrantes brancos de origem russa e menchevique, em especial para Alemanha e França, e por último, predominavam nos Estados Unidos e nos países ocidentais muitos escritos de cunho jornalístico, bem como impressões de diplomatas, ao lado de relatos com tom polêmicos da situação política e social dessa nova realidade. Não por acaso, logo após o estopim da Revolução de fevereiro, foram noticiados livros, relatos de cunho autobiográfico e artigos de jornais daqueles que vivenciaram como observadores ou participantes daqueles acontecimentos nos periódicos escolhidos para essa análise, além disso, a Revolução Russa serviu como pano de fundo de romances e de filmes que eram divulgados nas páginas das revistas ilustradas.⁸

Se o ciclo das revoluções liberais se encerrou no alvorecer do século XX, por outro lado, o processo revolucionário foi reacendido pelas ideias socialistas e comunistas de caráter universal, pois tais ideologias avançavam pelos cinco continentes, transcendendo fronteiras. Não é demais destacar que a historiografia, como ponderou Emília Viotti, até 1991, foi afetada “(...) pelas paixões políticas suscitadas pela guerra fria e deturpada pela propaganda”.⁹ Para Hobsbawm, é inegável a importância do fenômeno e do papel das massas no desenrolar dos acontecimentos, uma vez que:

Grandes revoluções de massa que eclodem de baixo para cima — e a Rússia em 1917 talvez tenha sido o exemplo mais impressionante de uma revolução desse tipo na história — são, em certo sentido, “fenômenos naturais”. São como terremotos e grandes enchentes, principalmente quando, como na Rússia, a superestrutura do Estado e instituições nacionais virtualmente se desintegram.¹⁰

A partir desta opção por pensar a Revolução ao longo do ano de 1917 e chegando até o final da Primeira República brasileira (1930) no intuito de perceber os discursos sobre os eventos e seus desdobramentos imediatamente posteriores nas páginas das revistas, acabou-se por construir o seguinte

⁷ SEGRILLO, A. Historiografia da Revolução Russa: antiga e novas abordagens. *Projeto História*, v. 41, p. 65, dez. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6535/4734>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

⁸ Para saber mais sobre as representações da Revolução Russa nas revistas ilustradas conferir: MAIA, Andrea Casa Nova (Org.), CARDOSO, Luciene Carris e SANTOS, Vicente S. M. dos. *Russos em revista: a Revolução Russa nas revistas ilustradas brasileiras*. Rio de Janeiro: Gramma, 2018.

⁹ REIS FILHO, Daniel Aarão. *As revoluções russas e o socialismo soviético*. São Paulo: UNESP, 2003, s. p. <https://doi.org/10.7476/9788539302703>

¹⁰ HOBBSAWM, E. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 265.

argumento que corrobora com a hipótese de desenvolvimento do que pareceu ser um “proto-anticomunismo” por parte das revistas assim que os bolcheviques tomam a frente do processo, a partir de outubro daquele ano.¹¹

A imprensa, como registro de sistemas de ideias e projetos, como formadora de visões de mundo e consciências históricas, vai se aproximando cada vez mais do projeto de civilização ocidental capitalista – as revistas inicialmente se pautavam pelo modelo da *Belle Époque* francesa e posteriormente passaram a se pautar pelo modelo norte-americano, propagandeando o “american way of life” – que logo deixa de aceitar a revolução e passa a combatê-la, num viés de crítica, mobilizando opiniões que passam a tratar os revolucionários com expressões pejorativas, sarcasmo e humor.

Em linhas gerais, as revistas ilustradas, adotando a cartilha das agências de notícias europeias e norte-americanas de maior destaque, passam a relacionar o “maximalismo” e os soviets ao caos, ao roubo de riquezas dos burgueses, ao fim da família por conta das mudanças em relação ao trato das mulheres, bem como difundindo o medo da ameaça do crescimento do “comunismo” entre nós, como será visto neste artigo, na análise de algumas imagens e textos que destacaram-se na pesquisa. O desenho a seguir publicado em 1919, durante a Guerra Civil Russa (1918-1921), demonstrava claramente o receio da propagação das “ideias exóticas” no território brasileiro. A charge projetada pelo caricaturista Seth, alcunha de Álvaro Marins, apresentou o maximalismo como um micróbio a ser combatido por meio de uma vacina.¹²

¹¹ FERREIRA, M. A geração do demônio: um estudo sobre o imaginário anticomunista baiano. *Revista Binacional Brasil Argentina*, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, jul. de 2013.

¹² Os maximalistas eram uma facção dissidente do Partido Socialista Revolucionário, composta por camponeses em sua maioria, que se envolveram com a deflagrada revolução russa de 1905 exigindo a aplicação do programa geral socialista. Como podemos perceber, a imprensa brasileira de uma maneira geral pouco diferenciava as terminologias daqueles que se envolveram no processo revolucionário russo de 1917 nomeando os maximalistas de bolcheviques, bem como eram também retratados em algumas ocasiões como discípulos do escritor russo Maximo Gorki.



Imagem 1: Detalhe de uma charge de Seth
Revista Fon-Fon, n. 20, 17 de maio de 1919, p. 33.
Fonte: Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional.

Algumas tópicos relevantes sobre o tema da Revolução presentes nas Revistas Ilustradas da Primeira República

Vários personagens importantes da Revolução são apresentados pelas revistas analisadas. Há um destaque para os nomes da primeira fase da revolução e muito elogiados pela destituição do poder do Czar são destacados. No entanto, optou-se aqui por trazer a leitura que os impressos fazem, já na segunda fase da revolução, de dois personagens de extrema relevância: Lênin e o marechal alemão Paul von Hindenburg, que comandou o Exército Imperial durante a Primeira Guerra Mundial e, posteriormente, se tornou presidente da Alemanha entre 1925 e 1934.

A charge a seguir publicada no periódico *Careta* em 1919, quando a República de Weimar (1919-1933)¹³ acabara de ser estabelecida na Alemanha, nos revela que os acontecimentos no outro lado do Atlântico eram rapidamente difundidos pela imprensa nacional. O período foi marcado pela instabilidade política com a eclosão da Revolução Alemã entre 1918 e 1919, culminando com a derrubada do último kaiser Guilherme II e o estabelecimento de um regime parlamentarista. O receio da propagação de uma revolução nos moldes da ocorrida na Rússia em território alemão levou à perseguição e ao assassinato de lideranças como Rosa Luxemburgo, bem como a repressão aos ideais socialistas.

¹³ GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Na imagem, podemos observar que o militar é representado com uniforme e com uma flâmula vermelha à cabeça como um chapéu. Seria ele um novo adepto embriagado ou mesmo um viciado pelo maximalismo soviete? Na ocasião, sonolento e babando, o tal alemão solicita mais uma caneca de cerveja à Lênin. E os pratos caídos no chão teriam alguma representatividade? No copo aparece escrito a palavra soviete. Seria uma marca de cerveja? Ou, a tradicional vodka russa? O desenho aparece demonstrar uma certa relutância por parte de Lênin, que segura os copos vazios. Pela vestimenta, o avental faz de Lênin um garçom. Seria essa bebida, o maximalismo, o novo vício do povo russo? Ou haveria supostamente o marechal ter entregue os pontos da República de Weimar a Lênin?

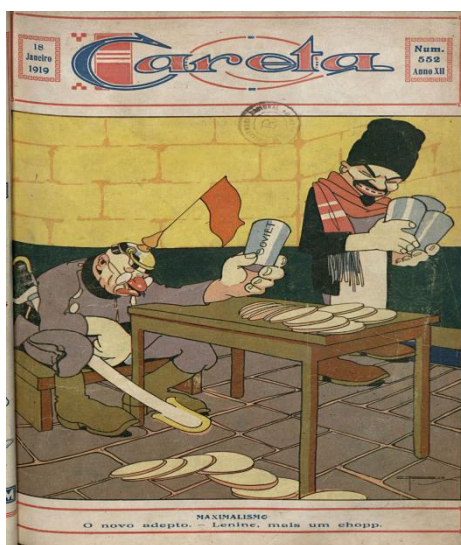


Imagem 2: *Caretta*, 18 de janeiro de 1919.
Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Outra notícia compara a figura de Lênin com a do revolucionário francês Jean-Paul Marat, acusado de impor uma ditadura ao lado de Robespierre e Danton. Marat sofreu um atentado, sendo assassinado por uma militante monarquista em 1793 na banheira de sua residência. A comparação não é aleatória, uma vez que a execução da família dos Romanov em julho de 1918, lembraria a execução de Luís XVI da França e de sua esposa Maria Antonieta. Lênin, o "Marat russo", haveria de ter sofrido um atentado. Desta vez, o "frágil braço" da militante Fanny Kaplan feriu gravemente o pulmão do "chefe tenebroso do maximalismo" com dois tiros.¹⁴

Contudo, naquele momento, não se sabia se ele estaria vivo ou não. Teria sido Alexander Kerensky, "o Danton russo", o mandante do assassinato? A breve nota apontava que Kerensky "fugiu e vagueia pela Europa como um reprob". Sabe-se que com a Revolução de Outubro de 1917, seu

¹⁴ Notícias e comentários. O Marat russo. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 31, p. 23, 07 de Setembro de 1918.

governo foi derrubado e passou a ser perseguido pelos bolcheviques liderados por Lênin. Outras personagens da Revolução Francesa também foram lembradas, tais como Napoleão e Madame Tallien. Além disso, se conjecturou se Trotsky, "o Robespierre" haveria de ser assassinado. De fato, como um oráculo, a breve notícia do periódico *Revista da Semana* previu a notícia de seu assassinato, em 1940, no México.



Imagem 3: *Revista da Semana*, de 7 de setembro de 1918.
Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Uma outra tópica interessante e importante que surgiu quando os impressos apresentavam a Revolução Russa, logo nos seus primeiros anos, foi a questão da mulher, tendo em vista que este era um dos públicos leitores para as quais destinava-se a maioria das revistas ilustradas pesquisadas. As revistas geralmente abordavam a moda e o universo feminino. Neste caso, várias matérias discutiram as mudanças relativas ao gênero, inclusive no que dizia respeito aos novos costumes e ao papel da mulher na revolução em curso.

Algumas dessas revolucionárias tiveram seus nomes em destaque nas páginas das revistas ilustradas. A revista *Careta*, de 10 de agosto de 1918, destacava, como outras revistas, o papel de uma mulher que já era chamada de “avó da revolução”. A figura em questão chamada de Spiridovnska se tratava, na verdade, de Maria Aleksandrovna Spiridonova. Nascida em 1884, executada em 1941, considerada uma importante revolucionária. Em 1906, ela assassinou um militar como represália à brutal repressão aos camponeses envolvidos na Revolução Russa de 1905, o que acarretou a sua

prisão.¹⁵ Tanto Maria Aleksandrovna Spiridonova, quanto Catherine Breshkovski, a real avó da Revolução, pois nasceu em 1844, foram presas e condenadas à prisão na Sibéria, ambas tiveram atuação fundamental no processo revolucionário russo.

O periódico narrava em tom de desconfiança a suposta atuação de uma "certa mulher, Spiridovnska, à qual attribuem grande influencia". No entendimento deles, como uma senhora que já teria sido presa anteriormente, poderia ter "forças para conspirações", ainda mais sabendo que ela estaria novamente presa por ordem de Lênin. A revista questionava quem haveria de ter confundido as duas figuras revolucionárias e indagava:

(...) Quem então inventou-a como avó da revolução? Dizem que os correspondentes do jornaes estrangeiros em Petrogrado, pois a revolução russa não teve avó, nem avô, sendo que entre o povo da Rússia, tanto o homem como a mulher, desde séculos, mal firmam os passos na vida, dirigem-se logo a um qualquer centro político, onde fazem a sua profissão de fê revolucionária.¹⁶

Também *A Leitura para todos*, de agosto de 1919, chama atenção para a avó da Revolução russa, mas apresenta um retrato de uma velhinha, diferente da matéria do periódico *Careta* que aponta que não se tratava de uma idosa e sim de uma jovem com outro nome. Haveria mais de uma avó da revolução?

Por muito que tenha errado, essa velhinha, lutando por um espírito mais caritativo e um melhor entendimento a favor dos seus patrícios, deve ser julgada com sympathia. Ella viveu a vida toda dentro de um bello sonho: o da igualdade dos homens. Esse bello sonho, durante o tempo em que a Rússia vivia escrava dos autocratas, levou-a ao cárcere, muitas vezes. Agora, com o povo a governar estará feliz Catharina Breshkovsky?...Ou terá saudades do tempo de Nicoláu II?¹⁷

¹⁵McCAULEY, M. *Who's who in Russia since 1900*. Londres: Routledge, 1997, p. 198. <https://doi.org/10.4324/9780203284100>

¹⁶ *Careta*, Rio de Janeiro, n. 529, ano XI, p. 04, 10 de maio de 1918.

¹⁷ A avó da Revolução Russa. *Leitura Para Todos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 98, agosto de 1919.



Imagem 4: *A Leitura para Todos*, s.d, agosto de 1919, n. 1.
Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Em outra ocasião, o periódico *Careta* reafirmou a sua posição sobre o impacto das transformações sociais ocorridas com a Revolução. Na seção *A Estação elegante* foi transcrita uma entrevista realizada com uma jovem dama da alta sociedade, a senhorita Hortência Meirelles, filha do empresário e do comendador Henrique Celestino Meirelles. Convergia numa espécie de colóquio informal sobre a "estação mundana" e o seu cotidiano. A pauta da conversa se concentrou sobre os modos e os costumes de outros jovens de seu círculo social, o que pode nos trazer informações curiosas sobre interesses e hábitos, formas de conviver e o ideal de elegância dos cavalheiros e as inconveniências provocadas pelos comportamentos dos "rapazinhos de bellas roupas e deploráveis modos".

Ao que parece a conversa tomou um outro rumo, quando ali debaixo da sacada passou uma manifestação operária. O entrevistador indagou se o maximalismo transformaria na elegância da jovem dama. Provavelmente motivada pela falta de conhecimento sobre o episódio e pelos preconceitos inerentes à sua posição social, a moça replicou, afirmando que "a nós, mulheres elegantes, os operários odeiam". Para completar, garantia que "qualquer uma de nós, quando quiser, conquista a um milhar deles, dominando-os". Ao ser indagada sobre as mulheres operárias, respondeu sem hesitar que elas ambicionavam "a inversão de cenários", ou seja, "(...) elas desejariam arrancar os nossos vestidos para

meterem nelas, mas desde que os tivessem, nos permitiriam comprar outros e queriam viver na nossa companhia.”¹⁸

Apesar dos chistes e das piadas retratadas ao longo do diálogo, o repórter arrematou a conversa com uma reflexão sobre as opiniões emitidas, a jovem “(...) conhece muito bem o seu alto meio mundonario, mas não conhece nem bem nem mal o laborioso meio trabalhador e por isso julga com tão precipitada injustiças as admiráveis damas proletárias.”¹⁹ Em que pese a coerente crítica aos comentários realizados pela jovem dama, não podemos esquecer que muitos desses jornalistas trabalhavam em diversos impressos, a exemplo dos periódicos operários, daí podemos presumir tal ponderação.

Passando das mulheres russas para o Brasil, há ainda personagem de destaque que sempre aparece junto às palavras como maximalismo e “soviets”. Trata-se de Maurício de Lacerda, advogado fluminense que iniciou na carreira como deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro na década de 1910. Desde o início, manteve contato com as organizações operárias e se destacou como um intelectual simpático à Revolução de 1917. Posteriormente, Lacerda apoiou os levantes tenentistas de 1922 e 1924, além de integrar a Aliança Nacional Libertadora (ANL) nos anos de 1930.

Uma charge chama atenção para o uso do humor enquanto crítica, relacionando o então senador brasileiro com o maximalismo e as ações que estavam ocorrendo em prol da emancipação da mulher russa:



Imagem 5: *O malho*, n. 772, 1917.

Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

¹⁸ Seção Estação elegante. Entrevista com uma jovem dama da sociedade. *Careta*, Rio de Janeiro, n. 569, ano XIII, p. 1, 17 de maio de 1919.

¹⁹ Idem.

Maurício de Lacerda sempre aparecia nas páginas das revistas ilustradas defendendo o maximalismo. Aqui vê-se o senador discursando para mulheres numa charge de Storni. A legenda que acompanha a imagem é sarcástica e esclarece bastante como os maximalistas e as mulheres revolucionárias eram representadas. Acima, lemos:

Viva o feminismo... na Rússia! "As mulheres russas vão ocupar nas trincheiras o lugar dos máus patriotas. O general Palsvtzeff passou em revista o batalhão de mulheres que já se acha perfeitamente equipado e seguirá para frente de combate." - (Dos telegrammas de Petrogrado).²⁰

E abaixo, na legenda da charge:

MAURICIO DE LACERDA: - "Eu vos saúdo, mulheres da Rússia, que vendes assim em meu auxílio! Se vós podeis morrer pela Patria e pela Liberdade, como é que se vos pode negar o direito de viver pela politica? Se os vossos generaes vos dizem - "ás armas!" - como é que eu não vos posso dizer - "ás urnas!"? Acaso as mulheres brasileiras não são como vós? Pois se ellas tambem podem pegar no páu furado, por que não podem, então, votar? Acaso a cédula é mais pesada que a carabina?"

ZÉ POVO: - "E. V. Ex. Sr. General que diz?"

CAETANO DE FARIA: - Digo que as mulheres brasileiras deviam fazer como as russas: não tratar de política e virem para as fileiras do Exercito, substituir os homens covardes que estão fugindo a lei do sorteio..."

Em outros momentos, não só discutindo a questão de gênero, aparece a questão do defensor das ideias *maximalistas*, o deputado Maurício de Lacerda, como podemos ver nesta reportagem de *O Malho*, de 24 de maio de 1919:

O jovem e ardoroso deputado Sr. Mauricio de Lacerda acaba de fazer, na Camara, a apologia do maximalismo da Russia, preconizando o governo dos "soviets" como o ideal para todos os povos. Pela argumentação doutrinaria, pelos exemplos e nomes proprios que citou, e pelos termos "tecnicos" proferidos, parece que S. Ex. Teve tempo de estudar o caso lá na Europa, de onde há pouco regressou. O que é certo é que, se as suas idéas não estão ainda bem claras, foram ouvidas com o silencio approvador, caracteristico do "especial agrado". E o Sr. Mauricio foi generoso: prometteu 'colaborar com o governo nas medidas uteis, mas justas que, na legislação socialista, estiverem de accordo com o ponto de vista que adoptou'. Depois – concluiu S. Ex. - 'entregar-se-á á propaganda intensa do trabalhismo, sob as inspirações inglezas, doutrina que advoga a participação dos operarios nos lucros das fabricas'. Muito bem! Pôde contar com a alta collaboração do Sr. Vice-presidente do Senado, que também já se declarou partidario dessas inspirações inglezas. Desde já enviamos parabens aos laboriosos operarios das fabricas. O Sr. Mauricio de Lacerda veio 'feito' para maximalisar e 'sovietizar' o Brasil e não há como ter mão num homem tropical

²⁰Viva o feminismo... na Rússia. *O malho*, n. 772, p. 41, 1917.

entusiasmado pela Rússia e inspirado pela Inglaterra. Que as classes ainda não protegidas de fôrma alguma, nem mesmo com esperanças, busquem no ardoroso deputado o patrono de que precisam para sahirem da 'miseria dourada' em que são obrigados a viver! Maximalismo legislativo.²¹

Não deixa de causar espanto que pai e filho eram simpatizantes da ideologia comunista e depois o filho, Carlos Lacerda, tornou-se, mais tarde, membro da União Democrática Nacional (UDN) e apoiador do golpe civil-militar de 1964 com um discurso anticomunista.

O mundo ilustrado e a crítica à revolução

Algumas imagens explicitam a leitura que as revistas ilustradas fizeram da Revolução e esta talvez seja a que melhor ilustre o proto-anticomunismo, só para ficarmos num exemplo de como a visão de distribuição de riquezas se confundia com a ameaça à propriedade privada, no caso, às riquezas dos mais ricos:

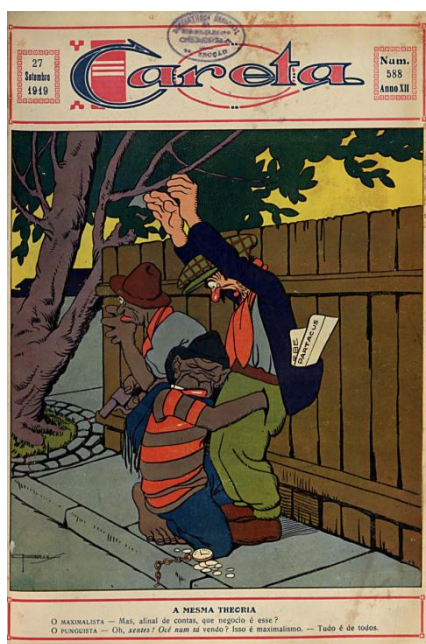


Imagem 6: *Caretta*, 27 de setembro de 1919.
Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional

A imagem 6 representa um assalto armado perpetrado por dois maximalistas afrodescendentes a um punguista, um batedor de carteira branco. Rendido de mãos ao alto e indignado, o punguista

²¹ Maximalismo legislativo. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 871, p. 27, 24 de maio de 1919.

questionava o motivo daquela situação. A resposta clara e objetiva do maximalista era de que se tratava de maximalismo, pois "tudo é de todos". Desse modo, podemos intuir que para o periódico *Careta* até os delitos e contravenções se enquadrariam na ideologia dos soviets. Afinal, um dos pressupostos do comunismo seria justamente a distribuição das riquezas e da igualdade.²²



Imagem 7: *O Malho*, 15 de dezembro 1917.
Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Na imagem acima, publicada já em dezembro de 1917, vemos uma leitura do chargista Leonidas.²³ Um anjo parece encarar surpreso a Revolução Russa representada por um "bello pudim" em estado de putrefação, sendo comido pela anarquia provocada pelo governo de Lênin e pelo comitê de soldados e operários figurados por duas centopeias aparentemente adoentadas. O caos apontado foi ocasionado pela guerra civil iniciada em abril de 1917, logo após a Revolução Russa. Naquela ocasião, exércitos e milícias de diversas correntes políticas lutaram para impor seus próprios governos independentes dos bolcheviques. Isso foi textualmente apresentado na charge, o que levou inclusive alguns governos,

²² A mesma theoria. *Careta*, n. 588, ano XII, s.p., 27 de setembro de 1919.

²³ Nascido no Ceará, em 1882, Leonidas Freire foi caricaturista e jornalista, tendo participado das principais publicações cariocas na primeira metade do século XX. De humor contestador, foi um dos fundadores do semanário "O Tico-Tico". Faleceu em 1943. Não sabemos ao certo quais suas preferências políticas, a não ser por suas ferrenhas críticas em forma de humor quando da Revolta da Vacina (1904). No entanto, consideremos que as charges produzidas não necessariamente seguiam as orientações do criador, mas a produção era atravessada também pela linha editorial da revista e desde aquela época, além das propostas do editor e dos donos do periódico, já estavam colocadas as questões relativas aos desejos dos anunciantes que financiavam parte considerável da publicação. Para saber mais sobre este chargista e outros, favor consultar: MURUCI, Lucio Picanto. *Seth*: um capítulo singular na caricatura brasileira. Rio de Janeiro: PUC, 2007; Leonidas Freire - Traços da vida desse nosso querido companheiro, ontem falecido. *Jornal A Noite*. 12 de novembro de 1943.

como o alemão a não sentir o medo da contaminação do comunismo em seu território tamanha a crise interna.²⁴

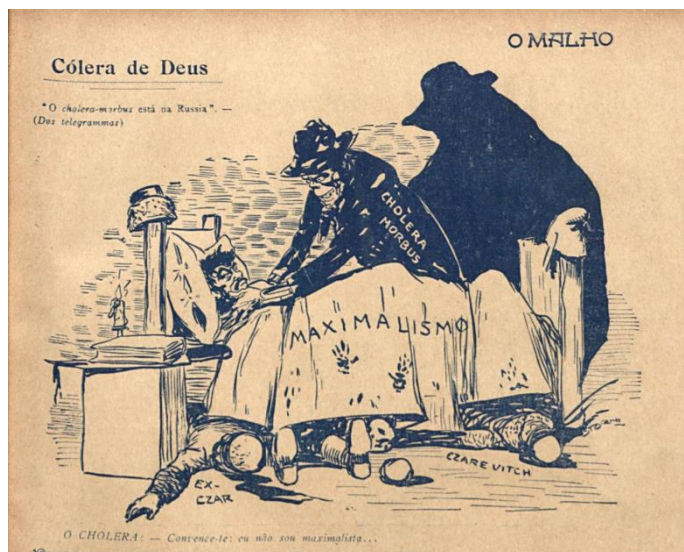


Imagem 8: *O malho*, 17 de agosto de 1918.
Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

A imagem 8 remete ao período de epidemias que devastaram, como a cólera, o território russo, logo após a Revolução de 1917. Assolada pela fome, pelo frio e pela epidemia milhares de indivíduos vieram a óbito. O desenho ironiza a situação do povo russo, ao representar a epidemia de cólera como um homem de preto. Um assassino talvez? Ele parece enforcar um indivíduo acamado coberto pela manta do maximalismo. De baixo da cama, se constata os corpos de alguns membros da família imperial russa, como o ex-czar Nicolau II e o seu filho caçula e único herdeiro masculino, Alexei Czarevitch, ambos assassinados em julho de 1917.²⁵

²⁴ O esfacelamento da Rússia. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 796, p. 41, 15 de dezembro de 1917.

²⁵ Cólera de Deus. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 831, p. 57, 17 de agosto de 1918.

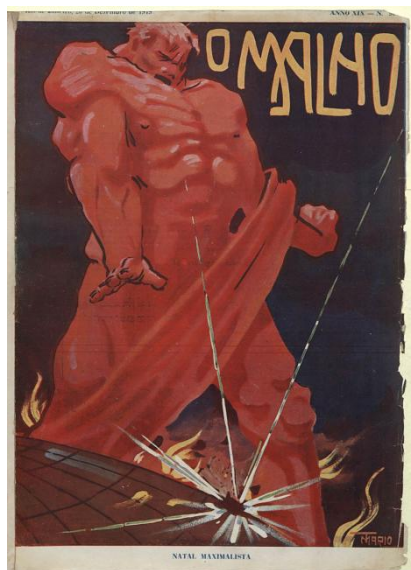


Imagem 9: *O malho*, s.d, dezembro de 1919.
Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional

A imagem 9 da primeira página do periódico *O Malho* delineou o que seria um "natal maximalista" em dezembro de 1919.²⁶ O desenho de Mário Pederneiras, ao que parece, reforçava a ideia de que o maximalismo – idealizado na figura de um robusto homem pintado de vermelho, cercado de fogo, como um demônio infernal – estaria lançando suas chamas no globo terrestre. Seria uma imagem de medo de que a Rússia levasse a revolução aos quatro cantos do planeta? Fica clara a associação ao comunismo como um mal que ameaçava todo o mundo. Tal imagem, mais uma vez, denota o nascimento de um imaginário anticomunista, que a Igreja Católica brasileira também faria coro ao longo de grande parte do século, basta lembrar dos momentos que antecederam o golpe civil-militar de 1964.²⁷

²⁶ Natal maximalista. *O malho*, ano XIX, dezembro de 1919.

²⁷MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva/Fapesp, 2002.



Imagem 10: *Fon Fon*, 28 de junho de 1919.
Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

Sob o título de "Salada Bolshevijcki", a imagem 10 enumerou os supostos nove artigos de um decreto criado pelos soviets. De maneira sarcástica, cada item apresentado revelava a ironia de supostos novos hábitos excêntricos impostos pelo governo bolchevique, o que subestimava a Revolução. Por outro lado, podemos constatar o desconhecimento por parte da imprensa brasileira pela realidade do povo russo em seu território, em especial essa nova família que surgia com a coletivização das atividades domésticas, bem como a relação com os filhos, a exemplo do item que anunciava "as crianças como propriedade do Estado". Essa interpretação colaborou para difundir um discurso distorcido sobre o imaginário popular da Revolução Russa para os seus leitores. De outro modo, outros artigos dão o tom jocoso ao indicar o envio das sogras e dos credores ao campo de concentração, como também a prisão e o fuzilamento de rapazes considerados bem-apegoados.²⁸

Considerações Finais

²⁸ Salada Bolshevijcki. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 26, p. 14, 28 de junho de 1919.

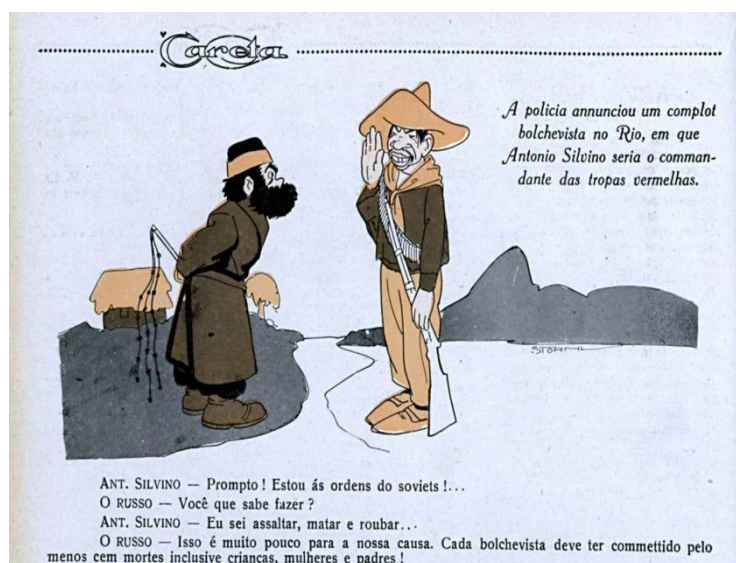


Imagem 11: *O Careta*, 14 de julho de 1923.
Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

O diálogo na charge acima entre o famoso cangaceiro Antônio Silvino²⁹ e um russo bolchevista demonstra bem nossa hipótese de que a maioria das imagens dos revolucionários russos tendem a relacioná-los com a violência, a barbárie. Famoso antes de lampião, por suas ações violentas, mas também por ter arrancado trilhos, prendido funcionários, e sequestrado engenheiros da *Great Western*, responsável pela implantação da ferrovia na Paraíba e em Pernambuco, o cangaceiro poderia ser facilmente associado aos comunistas, já que ele revoltou-se contra a empresa estrangeira, maior símbolo da entrada do capitalismo e da modernidade no nordeste, pois esta empresa teria desapropriado parte das terras da sua família sem indenização. Como os cangaceiros, também considerados bandidos violentos, os bolchevistas são representados como mais sanguinários ainda, pois nenhuma violência perpetrada pelo cangaceiro seria suficiente para torná-lo um representante da causa soviética. Claramente, percebemos o nascimento do imaginário anticomunista nas páginas das revistas ilustradas do Brasil republicano.

Ao fim, ao cabo, são os comunistas russos assassinos de crianças, mulheres e padres! Eis aí o proto-anticomunismo e o que será construído em termos de imaginário nas cartilhas anticomunistas

²⁹ Para saber mais sobre o cangaceiro e as representações do cangaço na história do Brasil, favor consultar: DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. *Antonio Silvino, o cangaceiro, o homem, o mito*. São Paulo: Editora Cartigraf, 2006; OLIVEIRA JUNIOR, Romulo José Francisco de. Como se consagra um mito. Representações do cangaceiro Antonio Silvino nos cordéis de José Costa Leite. *Revista Tempo Histórico*, vol. 5, n. 1, p. 1-15, 2013.

• ANDREA CASA NOVA MAIA
E LUCIENE CARRIS

produzidas pelo Brasil afora ao longo de todo o século XX, divulgando a ideia de que os comunistas eram “comedores de criancinhas”!

Recebido: 15 de setembro de 2019

Aprovado: 01 de novembro de 2019